

Pra quem não tem papel, muros tornam-se livros – Literatura Marginal nos muros

Mestranda Kenia Kalyne Gomes de Almeidaⁱ (UEPB)
Prof. Dr. Geralda Medeirosⁱⁱ (UEPB)

Resumo:

Muitos artistas de rua, e também da periferia, utilizam muros e paredes para ‘desenhar’ textos que caracterizam seus cotidianos. McLuhan diz que “o meio é a mensagem” e trata “o meio como extensão do homem”. Num contexto diferente dos ‘escritores marginais’ da década de 70, na definição de Ferrez, escritor paulistano, ao escrever para a Revista Caros Amigos, em 2001, define essa nova vertente de escritores marginais como pessoas da periferia que, há muito, não tinham espaço para publicar seus textos, suas artes e que, mesmo assim, escreve sobre o cotidiano da sua comunidade – geralmente, com linguagem extremamente coloquial. Para realizar este trabalho, buscou-se observar como um muro pode se tornar um ‘livro’ sem deixar de ser um muro, oferecendo espaço para voz de um povo (identidade) e como essa ‘meio’ (muro), há muito vem servindo de suporte para grafiteiros e pessoas que reivindicam, ou artistas que expõem suas artes.

Palavras-chave: Literatura Marginal, Grafite, Marshall McLuhan, identidade cultural, muros

1 Introdução

Atualmente o termo ‘Literatura Marginal’ está muito difundido no meio acadêmico – termo que surgiu, por conta dos poetas e poesias marginais, após repressão política na década de 70: aqueles que não faziam parte dos cânones literários e que tinha independência no escrever, no falar, do publicar. Essa nova vertente da literatura marginal, como o próprio Ferrez diz, é uma literatura produzida pelo indivíduo que vive à margem da sociedade, ou seja, à margem do sistema editorial e social. Ainda, percebe-se que, mesmo fora (à margem) desses sistemas, o escritor marginal da periferia, busca entender seu contexto e utiliza seus recursos artísticos para possuir voz e requerer seus direitos enquanto cidadão. Parece uma mão dupla: ao mesmo tempo que é excluído pelo fato de escrever fora dos padrões legitimados como literário, esse mesmo motivo (de estar fora dos padrões) faz com ele seja observado enquanto possuidor de legitimidade no falar.

Sendo assim, a mensagem do texto produzido pelo escritor marginal tem características que evidenciam essa exclusão, revelando, nas letras, na gramática e na escrita, o cotidiano da comunidade em que o autor está inserido. Ferrez teve um livro publicado, o Capão Pecado (2000), adentrando no corredor cultural, mas ainda sendo uma exceção na sua forma de encarar tal publicação. Outras publicações desse autor vieram, por exemplo, na Revista Caros Amigos: suporte fora do circuito de publicação literária convencional, ou seja, não é um livro.

No que tange tal publicação, a revista Caros Amigos, nas edições especiais denominada de “Caros Amigos/Literatura Marginal: a cultura da periferia, publicada em 2001, 2002 e 2004, reunindo, ao todo, quarenta e oito autores, não é um livro, é uma revista que tem linha editorial

opinativa e questionadora. Assim, a revista se ‘vestiu’ de livro e reuniu autores, em três edições, para que estes publicassem seus textos. Mas há controvérsias com relação a ‘o que é um escritor marginal’: Paulo Lins – escritor carioca que foi convidado a fazer parte da primeira edição da revista dedicada à Literatura Marginal - não se considere um autor marginal, pois, segundo ele, suas obras não se encaixam nas características chamadas ‘marginal’; embora tenha sido morador da periferia e escreveu sobre ‘Cidade de Deus’, suas obras são aceitas no circuito editorial convencional e o próprio Lins é graduado em Letras, ou seja, em sua formação tem vivência acadêmica – diferente da maioria dos escritores marginais.

Não queremos, aqui, fazer tal segregação, nem observar o grau de instrução de um autor marginal, mas Ferrez tende a pontuar características a fim de denominar um grupo de escritores e, assim, assimilaremos essa denominação como norte para este trabalho.

Sendo assim, no que tange ao meio em quem uma obra é exposta, McLuhan (1974) aborda a ideia de que os meios de comunicação são extensão do homem, neste caso, livro (papel), livro digital, TV, Rádio, muros (concreto, parede) e etc.

Observar os suportes é importante como contexto formador também da mensagem. Se observarmos, antes a comunicação era pouco intermediada por algum meio, por exemplo: antes do advento tecnológico, da Revolução Industrial, a comunicação era menos intermediada, usava-se como meio, se não fosse direto, cara a cara, seria através de uma carta, um livro; antes da invenção da prensa, por Gutemberg, era em papel manuscrito e assim sucessivamente. Isso tudo mostra que o suporte também modifica a mensagem, também ultrapassa a mensagem, influencia.

Assim, com relação à utilização de muros como suporte, percebe-se que a humanidade, em tempos rupestres, via as paredes e muros como locais de expressão, algo instintivo. E, hoje, mesmo com tantos meios tecnológicos, os muros continuam servindo de extensão para a ‘voz’ humana.

Portanto, utilizaremos McLuhan como guia para estudarmos os muros e paredes enquanto suporte midiático, e que, ainda hoje, adentram no universo de expressão popular, servindo de extensão da voz e observaremos que os textos desenhados nos muros das cidades são, também, textos de artistas que usam os muros como se tivessem usando o papel; artistas que, em sua maioria, estão fora do circuito cultural, formando assim, cultura advinda da periferia e gerando identidades coletivas.

2 Muro enquanto mídia – Livro de concreto

McLuhan há muito falava dos meios de comunicação como extensão do homem. O homem acaba expandindo-se quando utiliza os meios como espaços para expressão (voz), espaço para ver

(olhos), ou mesmo utilizando como transportes (pés). Pode-se vincular os objetos das paisagens sendo utilizadas pelos homens como forma de adaptação e extensão, mas, também, experienciar através desse estudioso o contexto de que “o meio é a mensagem”. Assim, escrever nas paredes das cavernas, independente de ser ou não uma narrativa, símbolos ou apenas rabiscos impulsionados pelo ‘criar’ já seria uma forma de passar a mensagem, de comunicar. Sendo assim, montando o quebra-cabeças teórico, o homem primitivo tinha como extensão da voz as paredes e, isso, por si só, já nos leva a estudar tal ação (a de utilizar-se do seu habitat) como mensagem: homem primitivo não fazia mídia, expressava-se, já dava ‘dicas’ que quem ele era, sem, ao menos, abrir a boca, apenas utilizando (escolhendo ou não) tal mídia (muro). A mensagem é, por conseguinte, seu contexto revelado através do veículo/suporte utilizado e dos códigos - independente de conseguirmos decifrá-los ou não.

Partindo dessa premissa, o impacto que qualquer meio tem num contexto social, é abordado por McLuhan de maneira profunda. O autor nos faz refletir sobre a diferença de um suporte midiático para o outro e, assim, configurando uma nova mensagem. Essa modificação não parte da mudança do conteúdo da mensagem, e sim, do elemento que leva a mensagem como algo determinante para a comunicação. Em resumo, o autor dá importância ao suporte midiático e chega a tratar ‘o meio como a mensagem’, pois, dependendo de onde a extensão da voz humana será empregada (TV, Rádio, Internet, Livros, Muros), o conteúdo que nele está já denota a nova mensagem. O meio atua de maneira paralela à mensagem. Isso fica claro porque, se uma mensagem, um texto, um poema é exposto num livro, observaremos esse material midiático já refletindo sobre o sistema editorial de cada local. No caso da Literatura Marginal, no contexto periférico, a literatura acaba revelando uma mensagem com linguagem, gírias, características da comunidade de onde o autor vive ou interage. No entanto, a outra mensagem que o próprio suporte oferece é que também irá determinar uma identidade coletiva: os muros enquanto possível local de arte, sendo, muitas vezes, os grafiteiros, confundidos com pichadores, já que pichadores buscam “Uma é adrenalina só pra se amostrar, afirmar o indivíduo; o outro é social, tem mensagem, é arte” (ORLANDI, 2004). Enquanto a pichação apenas busca sair do silêncio, o grafite busca exibir arte e, assim, comunicar. Vinculando isso ao suporte ‘muro’, e esses dois tipos de intervenção urbana, fica evidente que existe outra mensagem passada, antes mesmo de ser lido o texto que estampa os muros. Essa e a outra mensagem identificam que grupo escreveu aquilo, se grafiteiros, artistas das ruas, pichadores.

Esse enfoque torna-se precioso para um estudo literário que busca encontrar artistas da literatura que saem do contexto editorial ao extremo, mas, mesmo assim, não deixam de escrever versos, textos ou poemas em qualquer suporte linguístico.

2.1 Literatura Marginal

Sabe-se que o mercado editorial de publicações tem se alargado desde reivindicações de ONG's e editoriais alternativas, como o caso da Revista Caros Amigos. Sobre o que é literatura, Antônio Cândido (1969) mostra que esta é a produção de maneira poética, dramática ou mesmo épica de obras da escrita onde acaba originando um sistema simbólico que envolve língua, imagens, temas, produtores de textos que se denominam com tal e fazem parte de um sistema receptor e transmissor da mensagem.

Perlman (1977) vincula o termo marginal àqueles que estão fora do sistema legal e geralmente são indivíduos pobres, delinquentes e etc. Já Gonzaga (1981), canaliza o termo marginal e seus significados àqueles que estão fora do mercado editorial e que, em seus textos, refletem uma linguagem característica desses excluídos. Ferrez arremata dizendo que esse tipo de literatura tende a representar “a cultura de um povo, composto de minorias, mas em seu todo de uma maioria” (FERRÉZ, 2005).

2.2 Escritores da periferia

A literatura marginal, como já foi falado, tem duas representações literárias no Brasil: uma refere-se à Literatura da década de 70, quando os escritores se viam fora do eixo de publicação. Desses, Paulo Leminski, se auto-denominava escritor marginal devido a sua condição. A outra conota o novo escritor, oriundo da periferia, e, talvez, esse termo – Literatura da periferia – se encaixe mais nesse contexto.

No entanto, Ferrez ousou levantar essa questão de escritor marginal e, a partir, das publicações nas edições da revista Caras Amigos, esse termo passou a ser estudado pela academia e a ser massificado pela imprensa, tomando proporções notórias e passando a configurar autores da periferia, muito embora, fossem também referentes a pessoas que não fazem parte do circuito editorial e mesmo assim escrevem independente de ser ou não da periferia. Alguns escritores da periferia podem ser citados: Ferréz, Sérgio Vaz e Sacolinha – ativos em movimentos que têm como foco a cultura da periferia; Nesse contexto, existe apenas uma livraria no Brasil especializada em produtos das classes populares, a Suburbano Convicto.

2.3 Escritores de rua

A rua é um espaço público. Lá os indivíduos se misturam e se comunicam de várias maneiras. Diversas linguagens são usadas para esse fim: a música tem seu espaço garantido, enquanto expressão popular; a arte em praça pública também; a dança de rua, as rimas e os rabiscos

nas paredes e nos muros dão dinamismo à cidade. Assim, o grafite em sua forma particular de linguagem também “conecta-se ao modo como o espaço de significação se organiza”. (ORLANDI 2004). Parece existir um diálogo constante.

Os grafiteiros, artistas de rua, embora sejam confundidos com os pichadores e vândalos, tem se mostrado verdadeiros artistas e contribuem com o meio em que vivem.

Conclusão

A nova literatura marginal se configura como uma literatura de excluídos de maneira geral, mas, principalmente, remete à Literatura da periferia. O valor identitário que as letras têm para uma determinada comunidade não pode ser mensurado, nem mesmo imaginado. Tal caso é a proporção da obra de Paulo Lins que foi adaptada para o cinema – muito embora o autor não se considere um escritor marginal. Ferrez, ousado em caracterizar esse movimento como ‘marginal’, atua como um divulgador da sua cultura e possuidor da linguagem coloquial como arma e escudo para valorização coletiva. Os muros, como suporte midiático, adentram nesse universo, como espaço que oferece oportunidade de voz para uma comunidade, de arte e de identidade. Os escritos nos muros, por sua vez, estampam a cidade com várias mensagens: as mensagens transmitidas pelas letras e seus significados e a mensagem que o próprio suporte transmite.

Referências Bibliográficas

- 1]BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986
- 2]BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2004.
- 3]_____. “Gostos de classe e estilo de vida”. In ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. São Paulo, Ática, 1983.
- 4]_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2ª ed. São Paulo, Cia das Letras, 1996.
- 6]CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos*. vol. 1. 3ª Ed. São Paulo, Edusp, 1969. Paulo, T. A. Queiroz Editora, 2000.
- 7]_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história*. 8ª Ed. São Paulo Paulo, T. A. Queiroz Editora, 2000.
- 8]Caros Amigos Especial. *Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato I*. São Paulo, agosto de 2001.
- 9]FERRARA, Lucrecia D’Alessio. *Olhar periférico*. São Paulo: Edusp, 1999
- 10] GITAHY, Celso [et al.] *Graffiti na cidade de São Paulo e sua vertente no Brasil: estéticas e estilos*. São Paulo: LABI-USP, 2006
- 11] GONZAGA, Sérgio. “Literatura marginal”. In FERREIRA, João Francisco (org.). *Crítica literária em nossos dias e literatura marginal*. Porto Alegre, Editora da Universidade/ UFRGS, 1981
- 12] FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo, Labortexto Editorial, 2000.

- 13] FERRÈZ. *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*/ Ferréz (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- 14] HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- 15] LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- 16] MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo*. Rio de Janeiro: Forense, 1984
- 17] McLUHAN, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Cultrix, 1967.
- 18] _____, Marshall. Primeira parte. In: _____. Os meios de comunicação como extensões do homem. Tradução de Décio Pignatari. 4º ed. São Paulo: Cultrix, 1974.
- 19] MIRANDA, Antonio; SIMEÃO, Elmira. Transferência de Informação e transferência de tecnologia no modelo de Comunicação Extensiva: a Babel.com. *Información, Cultura y Sociedad*, Buenos Aires, n. 10, 2004.
- 20] POSTMAN, Neil. *Tecnopólio - a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo, Nobel, 1994.
- 21] RAMOS, Maria Antonacci. *Graffiti, pichação & cia-* São Paulo: AnnaBlume, 1994
- 22] SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003
- 23] SIMEÃO, Elmira; MIRANDA, Antonio. Comunicação Extensiva e a Linguagem Plástica dos Documentos em Rede. In: *Organização e Representação do Conhecimento na Perspectiva da Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2003, p. 179-209.
- 24] ORLANDI, Eni P. Metáforas da letra: Escrita, Grafismo. In: *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.
- 25] ORLANDI, Eni P. As palavras na rua. In: *ESCRITOS 6*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Laboratório de estudos urbanos, agosto, 2002.
- 26] PERLMAN, Janice E. *O mito da marginalidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- 27] SACOLINHA. “Um dia comum”. In PONTES, Marcelino R. *Artez*. São Paulo, Meireles Editorial, 2004.

Autores: Kenia Kalyne Gomes de ALMEIDA, Mestranda

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Kalyne_almeida@hotmail.com

Co-autora: Geralda MEDEIROS, Profa Doutora

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

PPGLI